

# Semânticas de infância \*

Carlo Pancera \*\*

Trad. de Maria Teresa Arrigoni\*\*\*

## A busca da diversidade

A história das mentalidades já nos habituou à aceitação do conceito de que existe uma história dos modos, distintos ao longo do tempo, de ser adultos, e, portanto, de se conceber o fato de pertencer a uma certa faixa etária. Embora a diferença entre adultos e não adultos sempre tenha existido, foi diferente a maneira de perceber a si mesmos dessa forma, e, portanto, as relações entre as faixas etárias e o momento em que se considerava que devesse acontecer a passagem de uma para outra.

Compor a história das relações adultos/não adultos propõe *di per se* como centro da pesquisa e do sucessivo estudo, o problema daquela barra entre os dois pólos nos quais se vem arbitrariamente dividindo a escala etária, e, portanto, de sua posição em tal escala, do como e do quando e por obra de quem aquela barra é colocada na relação adultos/não adultos. Caso contrário, também essa história desempenharia, nesse campo, uma função ideológica. Por outro lado, se o não-adulto é definido fundamentalmente a partir do Outro e é concebido, pois, principalmente como uma ausência no âmbito do real, é exatamente essa ausência que constitui a casa vazia que torna significativa a cadeia de elementos que caracterizam também de modo positivo as especificidades da infância. É claro, porém, que para “pesquisá-la” é preciso que ela tenha sido reconhecida como tal em uma certa época do passado do qual nos queremos ocupar, ou/e também nós mesmos como historiadores nos tenhamos colo-

---

\* Artigo originalmente publicado na *Rivista aut aut*, Milano: Nuova série, 191-192, settembre-dicembre, 1982, p. 191-196, em *Metafore d'Infanza*.

\*\* Professor e Pesquisador do Istituto di Discipline Filosofiche da Università Degli Studi di Ferrara, Itália.

\*\*\* Professora do Curso de Italiano do Departamento de Línguas Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina e Doutoranda da Universidade Estadual de Campinas.

cado isso como problema; ou seja, um requisito de *ouillage mental* que se torna necessário para podermos “compor” essa história não ideologicamente. Seria inoportuno, pois, censurar pela falta de lucidez historiadores mais ou menos recentes.

Investigar as relações com aquele que é definido antes de mais nada pela ausência de nossas peculiaridades, como as partes obscuras ainda escondidas de nosso passado coletivo, coloca o desejo da pesquisa histórica em torno das relações adultos/ não adultos como que inserido numa problemática que tem a ver, de certa forma, com o inconsciente. E a relação entre história e inconsciente pode ser sem dúvida angustiante e portanto gerar *détours* de pensamento.

A história das estruturas mentais comporta necessariamente um estudo em torno de tempos longos de transformação, uma vez que as mentalidades têm uma duração, uma persistência, uma inércia extremamente extensas no tempo.

As estruturas mentais, que se entrelaçam intimamente às estruturas sociais, podem ser consideradas “um resumo interiorizado da vida social,”<sup>1</sup> e podem ser reconstruídas através da análise dos comportamentos, de certas expressões de pensamento, ou melhor, fazendo uma história de como os vários grupos humanos imaginaram a si mesmos e de como foram representados pelos outros. Testemunhas de uma história desse gênero podem ser considerados, antes de mais nada, os documentos iconográficos e, em certo grau, e de certa forma, os literários, na medida em que se admite como hipótese que através deles cada cultura expressa seu próprio imaginário<sup>2</sup>. Isso requer do historiador, como de um analista, autoconsciência e capacidades notáveis de introspecção, já que muitos documentos históricos que conseguem chegar até nós “falam principalmente através dos próprios silêncios”<sup>3</sup>.

### Mencionando a infância

Em um certo sentido, Bouthoul tem razão quando, talvez um pouco kantianamente, considera que “a nossa mentalidade se interpõe entre o universo e nós como um prisma, [...] que determina as nossas percepções, as nossas classificações e influencia todas as nossas elaborações subsequentes”<sup>4</sup>. Pode, pois, fornecer pontos de partida para reflexões muito interessantes, avaliar, analisar as alterações de significado de um

termo, o uso de um termo em contextos diferentes e as motivações que fizeram surgir a exigência de termos novos. Através da análise da etimologia podemos remontar em parte até aquele “prisma”, ou antes, a uma melhor compreensão de que tipo de prisma fosse aquele de uma determinada mentalidade do passado. Em outros termos, falando de *ouillage mental*, Duby escrevia em um de seus ensaios clássicos sobre a história das mentalidades, que “entre esses ‘equipamentos mentais’ está em primeiro lugar a própria linguagem, compreendida como os diferentes meios de expressão que o indivíduo recebe do grupo social em que vive, e que servem a ele para enquadrar toda sua vida mental”<sup>5</sup>.

Tomando como ponto de partida aquele século XIII no qual Ariès entrevê ainda uma mentalidade que dá pouca consideração à infância como tal, não lhe captando as peculiaridades e tendendo a atribuir-lhe características negativas, poderíamos ver de forma concisa quais estímulos nos fornece uma verificação<sup>6</sup> da etimologia de termos como criança e infância.

*Bambino* (*bimbino*, *bimbo*), criança, consta ser o diminutivo de *bambo*, adjetivo masculino do século XIII, termo que se manteve no dialeto còrsico, por exemplo, como bambu, tolo; como bamba, abobado, no dialeto milanês, e que por sua vez deriva do verbo rimbambire, do grego βαμβαινω-βαμβραλειν, *balbetto*, balbuciante, através do latim tardio *bambalio-onis*, gago, balbuciante. Portanto, os primeiros elementos que nos são fornecidos concernem ao fato de que à criança se atribui como termo de significação o diminutivo de um termo em uso para pessoas adultas; também ao fato de que se assimile a incapacidade de falar bem com a característica de tontice, bobeira, e que ambas, além de serem atribuídas a certos adultos, o são também a todas as crianças. A criança é, pois, essencialmente o pequeno bobo que gagueja bobagens mal e mal, em uma sociedade que não consegue ver nele outros atributos relevantes.

Mais tarde, do mesmo termo vão derivar também outros diminutivos além de criança, também atribuídos aos pequenos, que nos revelam novos aspectos interessantes. Em primeiro lugar, *bambolo/a*, que, além de indicar um menino e uma menina (no feminino subsiste até hoje), significa uma bonequinha de trapos, fantoche, manequim. Ora, exatamente, esta possível reificação inconsciente da criança é considerada a característica mais negativa da mentalidade pré-moderna, mesmo se o termo, tendo-se difundido e afirmado nos séculos XV-XVI poderia lembrar-nos a atitude

## 100 • Carlo Pancera

conhecida por *minhotage*, da qual Ariès fala na França da época, ou seja, um desejo de divertir-se com a criança como se ela fosse um brinquedinho engraçado. À primeira conotação, mais negativa, remete-nos à conexão com manequim, que, do original inglês *mannekin* = *omino*, homenzinho, é um termo comum na Itália, passando pela alteração francesa *mannequin*, traduzida para o italiano por *ometto*, cabide, ou seja, elemento de madeira, e eventualmente também de pano, sobre o qual se penduram as roupas e que podemos revestir a gosto. Um terceiro diminutivo *bamboccio/a*, (permanece ainda hoje nos dialetos do trentino e das regiões venetas como *boccia* = *bambino*, criança), termo que se refere, com um colorido irônico, também à pessoa adulta simples e ingênua, “não crescida”, “imatura”, utilizado também para o filhote de animais. Encontramos, pois, confirmação do que foi esboçado acima. Esses mesmos significados reencontram-se, no uso dos termos citados, nos modos de dizer: “*esser fuori di bambolino*”, ter saído da infância, *oh spemi bambel!*, forma poética para esperanças tolas e “*far bambine*” (ou, como se diz hoje, *bambinate*), fazer bobagens, cometer erros.

Para *infanzia*, infância que, como se sabe, deriva do latim e se refere àquela idade na qual não se é capaz de falar (*fari*), ou em sentido lato de falar bem, cabe dizer, em primeiro lugar, que em italiano esse termo ficou como coletivo geral, tendo prevalecido *bambino*, criança, e não por acaso, portanto, para identificar o indivíduo em si. Na Idade Média avançada e na Idade Moderna temos ainda, porém, termos com os quais, embora o prefixo se tenha perdido, designam-se crianças, ou melhor, também as crianças, utilizando-se de um diminutivo. O termo fundamental de referência é, nesse caso, *fante*, que, mais do que significar moço, rapaz, significa homem de poucas qualidades, servidor, soldado raso e (raramente, porém) ignorante como uma criança. É esse, portanto, um termo que indica antes de mais nada uma condição social, uma condição subalterna, que nos remete à acepção de grande e pequeno e que se refere a hierarquias de poder mais do que às de idade. O feminino, *la fante* (ou ainda, *la fantesca*) significa de fato somente criada, serva. Trata-se daquele entrelaçamento entre inferioridade de condição e de idade, que todos conhecemos, se pensarmos na persistência em outras línguas de *boy* e de *garçon*, como termos que se referem ainda hoje a adultos e que nos mostram a mesma ligação, se bem que invertida.

É significativo que desses termos tivessem derivado os diminutivos para designar as crianças *fantolino*, *fanticello*, *fanciullo* ou *fancello*. Esses dois últimos, em particular, significavam além de crianças, simplório e criado, de onde vem também *ciullo*, ignorante. No feminino, *fanciulla* e *ciulla*, mas também *fancella*, do qual vem o toscano *cilla*, assimilado com frequência ao significado de *ancella*, criada. A esses, juntam-se entre os diminutivos também *fantoccio* e *fantoccino*, que significavam brinquedos de trapos, mas também homem tolo, ou “homem de palha”, remetendo ao que já foi dito anteriormente. É, pois, uma característica fundamental da mentalidade concernente às relações entre adultos e não-adultos, a de confundir a humildade dos trabalhos que eram desenvolvidos pelas crianças com a condição social que era própria de quem desempenhava tarefas de menor relevo, exatamente pela incapacidade ou pelo desinteresse em evidenciar características peculiares à idade infantil para distinguir a criança dos outros membros da sociedade.

Assim, por exemplo, encontramos também outros dois diminutivos que não se referem às crianças, mas principalmente aos adultos, como *fantino*, para nós jóquei, empregado que cuida dos cavalos, e *fantaccino*, soldado do mais baixo grau. E também em algumas expressões “*esser fante d'uno*”, depender de alguém, e “*lesto fante*”, trapaceiro, que mostram a referência do termo a pessoas de algum modo “desprezíveis”.

Existiam também outros termos comumente utilizados para indicar as crianças, como *pargolo* e *pargoletto*, do latim *parvus*, pequeno, nos quais está colocada em evidência somente a característica dimensional. E mais, *puella*, que encontramos somente no feminino, de *puellus*, diminutivo de *puer*, criança, menino e, dentre os adjetivos, *puerile*, pueril, de criança, sobre o qual é interessante notar que no sardo antigo *puerile* significava servente, ajudante. Ainda, do termo carinhoso latino *pupus*, vem *pupo* para menininho e, no feminino, *pupa*, para mulher pequena (de onde sai o diminutivo *pupattola*, em lugar de boneca), que no latim popular, apresentava o feminino *puppa*, que significava boneca, ao qual remonta o italiano *pupazzo*, boneco, fantoche. Com a mesma desinência, no século XIV aparece também *ragazzo*, moço (de etimologia desconhecida), com o significado de pessoa que não tem experiência, aprendiz, grumete.

Encontram-se também certos atributos que revelam esse conteúdo de signo depreciativo, além de diminutivo: *marmocchio*, talvez via *marmotto*, que significava pessoa tola e chata; *frugolo* (e o diminutivo carinhoso

*frugoletto*) que, a partir do século XV, passou a significar pequeno esperto, vivo, que mexe em tudo quanto é lugar, mas que, seja como adjetivo, seja como substantivo, refere-se também ao adulto mequetrefe, e trapalhão; *monello* provavelmente<sup>7</sup> do francês *moineau* (em latim *monedula*), que significava uma espécie de pega que depreda, causando danos em todo lugar, e, em geral significava pássaro mau (depreciativo), mas também referido a pessoas, como sujeito reles, depois utilizados para os garotinhos; *moccioso*, de nariz sujo, chorão, e também impertinente e birrento, choramingas; *birba*, do século XIV, sem vontade de trabalhar, e trapaceiro (de *bribe*, termo francês do século XIV, que significava coisa de nada dada a um mendigo, de onde em língua d'oc, *birbant*, pedinte de *birba*, coisa de nada); e, por fim, *discolo*, do grego *δυοχολος*, estranho, incontentável, descontente, impertinente, inoportuno, intratável, desagradável, indesejável molesto<sup>8</sup>. Registra-se, em particular, de forma freqüente, a assimilação das crianças com bichinhos, furões, pegas, marmotas, e outros, principalmente nos apelidos, mas também nos nomes carinhosos, ou nos adjetivos, ao lado dos termos referidos às crianças, ou em seu lugar.

No século XVI, por outro lado, torna-se corrente o uso de termo *putto*, *puttino*, do latim *putus*, puro, franco, sincero<sup>9</sup>; a criança é freqüentemente comparada a um *amorino*, cupido, ou seja, àquela mítica figura em que Eros é representado sob a forma de criança alada cujas flechas despertam tenras paixões. É, pois, por nascimento limpo, puro, pois não nos podia ser entregue por Deus de outra forma. Mas está ligado, se bem que de modo afável, às expressões passionais dos sentimentos. É também indicado por *sbarazzino* (termo de etimologia castelhana, introduzido pelos espanhóis), como aquele que não tem inibições, que não deixa de fazer nada, mas também que comete grosserias, malcriações.

Os comentários que se podem tecer a respeito dessas considerações sobre o instrumental lingüístico relacionado à infância, que esteve à disposição por um longo período histórico, são inúmeros; mas o que me parece mais importante dizer é que o adulto a quem falte algo de si, que é o não-adulto com quem se relacionar, só pode exorcizar essa ausência retirando o desejo de infância (não confundir com a saudade), ou subjugando totalmente a infância em si mesma, tomando posse dela, de alguma forma, para negá-la em suas inquietantes peculiaridades. É o que faz o adulto das sociedades pré-modernas, se podemos tirar essa dedução dos meios expressivos de que fez provisão e nos quais se constringe.

O não-expressar um termo específico, ou o aniquilar termos existentes (*infans* e *puer*), efetuando sua substituição por outros, é sintomático de uma operação de caráter metafórico que tende a indicar uma presença através de uma ausência. É uma operação que se inscreve na lógica freudiana da denegação. Jean Hyppolite, ao comentar a passagem de Freud em que se lê: “a denegação é uma *Aufhebung* da remoção, mas nem por isso uma aceitação do remorso”, escreve que se trata de “apresentar o próprio ser de acordo com a maneira de não ser”, para isso, “quem fala, diz: “eis o que não sou”<sup>10</sup>. Mas é também um procedimento inconsciente que tem um efeito metonímico, por isso uma vez ocultado o significante original, o significado é expresso, por exemplo, atribuindo-se uma parte pelo todo, não tanto para dar lugar simplesmente a uma figura retórica – como é óbvio – quanto a um mecanismo semântico de metonímia como, me parece, atestam quase todos os termos citados.

É certo, porém, que o sujeito adulto está desse modo alienado, com tal seqüência de enunciados, de uma relação profunda e íntima com o único ser a quem pode dar vida. E a falta de reconhecimento da infância em longos séculos do nosso passado tem efeitos devastadores de automenosprezo que se revelam inaceitáveis.

### Notas

01. G. Bouthoul, *Les Mentalités*, P.U.F. Paris 1952, p. 32.
02. Cfr. E. Patlagean, “L”histoire de l’imaginaire”, in: Le Goff e al, org., *La nouvelle histoire*, Retz, Paris 1978, pp 249-269 (tradução italiana parcial Mondadori, Milão, 1980).
03. Cfr. A. Besançon, “Vers une histoire psychanalytique”, in: *Annales E.S.C.*, Paris 1969, nn. 3 e 4; trad italiana in: *Storia e psicanalisi*, Guida, Napoli, 1975.
04. G.Bouthoud, op.cit,p.32.
05. G.Duby, “Histoire des mentalités”, in: Ch Samaran, org, *L ‘histoire et ses méthodes*, Enc. de la Pléiade,Gallimard, Paris 1961, p.953.
06. Por exemplo, as obras seguintes, N. Tommaseo, B. Bellini, *Dizionario della Língua Italiana*, Luigi Pomba, poi Unioni tipografico-Editrice Torinese, Torino 1861-79; A Prati, *Vocabulá-*

**rio Etimologia Italiano**, Garzanti, Torino 1951; S Battaglia **Grande Dizionario della Língua Italiana**, Utet, Torino 1961; C. Battisti, G. Alessio, **Dizionario Etimologia italiano**, Istituto di Glottologia dell' Università di Firenze, Barbèra, Firenze 1968; e outros.

07. C. Battisti e G. Alessio, op. cit, estabeceem uma ligação com termos encontrados nos dialetos do norte da Itália , como *monel*, *monin*, *monat*, todos diminutivos do latim popular tardio *monna*, *monulla*, ou seja, rapaz, tratante, moleque. Pode ser interessante assinalar que mais tarde o Istituto della Quarquonia em Florença será oficialmente denominado Corrigendo Istituto di Beneficenza per Monelli.
08. No sentido de vadio, inculto, encontrado também no Istituto de' Discoli, Patronato de' Discoli, e Discolato, a partir do século XVIII.
09. Segundo Tommaseo, op.cit, de *pusus*, que significa criança. O termo existia de fato também em italiano, mas como adjetivo, com o significado de fétido. É preciso lembrar que o feminino *putta* vai assumir também o significado de meretriz.
10. J.Hyppolite, "Commentaire sur la Verneinung de Freud", 1954, in: **La Psychanalyse**, P.U.F., Paris 1956, vol.I, pp 17-49; tradução italiana in: J. Lacan, **Scritti**, Einaudi, Torino 1974, Vol. II, p, 887.